

**ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS ACADEMIA REAL  
MILITAR (1811) CURSO DE CIÊNCIAS MILITARES**

**Iago Siqueira Matheus**

**FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA E A MISSÃO DE PACIFICAÇÃO  
NO HAITI: ESTUDO COMPARATIVO DA SELEÇÃO, INSTRUÇÃO E  
PREPARO VISANDO PERSPECTIVAS FUTURAS**

**Resende  
2021**

Iago Siqueira Matheus

**FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA E A MISSÃO DE PACIFICAÇÃO  
NO HAITI: ESTUDO COMPARATIVO DA SELEÇÃO, INSTRUÇÃO E  
PREPARO VISANDO PERSPECTIVAS FUTURAS**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares**.

Orientador: Francisco Bento Ferreira Neto

Resende  
2021

Iago Siqueira Matheus

**FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA E A MISSÃO DE PACIFICAÇÃO  
NO HAITI: ESTUDO COMPARATIVO DA SELEÇÃO, INSTRUÇÃO E  
PREPARO VISANDO PERSPECTIVAS FUTURAS**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares**.

Aprovado em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2021.

Banca examinadora:

---

**Francisco Bento Ferreira Neto, 1º Tenente**  
(Presidente/Orientador)

---

**Tiago Andrade De Lucena, Capitão**

---

**Nicolas Fiorito Ferreira Mouro Borba, 1º Tenente**

Resende  
2021

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, meus pais e amigos que sempre me motivaram a seguir meus sonhos. E à minha namorada, que sempre acreditou em mim.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, pela força que me dá a cada dia para que eu consiga realizar meu sonho de me tornar oficial do Exército Brasileiro. Ao tenente Ferreira Neto, meu orientador. À minha namorada, Poliana, por estar sempre disposta a me ajudar seja qual for a tarefa. A todos os meus familiares que sempre fizeram de tudo para me ver crescer e me tornar uma pessoa digna. E também aos meus companheiros que estiveram comigo nos momentos mais difíceis da formação acadêmica.

## RESUMO

### **FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA E A MISSÃO DE PACIFICAÇÃO NO HAITI: ESTUDO COMPARATIVO DA SELEÇÃO, INSTRUÇÃO E PREPARO VISANDO PERSPECTIVAS FUTURAS**

AUTOR: Iago Siqueira Matheus  
ORIENTADOR: Francisco Bento Ferreira Neto

Este trabalho abordará o preparo das tropas que compunham a Força Expedicionária Brasileira (FEB) e o contingente que atuou na Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti (MINUSTAH). O presente estudo se restringiu à seleção e instrução, visto que cada missão possui sua singularidade e especificidade, o que torna ainda mais necessário o estudo de ambas. Desse modo, o estudo contribui para que as experiências vividas sejam inseridas no planejamento de futuras missões, pois, dessa forma, será possível preparar de maneira mais eficaz a tropa para as diversas situações que virão a ser expostas. O objetivo deste trabalho foi relacionar ambos os conflitos com seus respectivos cenários característicos, para, assim, possibilitar o entendimento do que se alterou em relação à preparação da tropa. Além disso, o trabalho também expôs as oportunidades de melhoria que podem ser aproveitadas visando sempre um maior êxito nas operações que vierem a surgir. Para isso, foram observados dados bibliográficos que continham informações relativas à seleção e instrução da tropa, assim como relatos que levantavam determinadas críticas referentes aos conflitos estudados. Foi produzido um questionário em formato de pesquisa de campo com militares que participaram da Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH) e essa iniciativa gerou registros percentuais referentes à preparação da tropa. Também foram registrados diversos comentários acerca das mudanças que poderiam vir a ser executadas. Dessa forma, este trabalho busca compreender a importância que deve ser dada à análise de erros e à busca de oportunidades de melhoria, de maneira que sempre haja evolução de uma missão para outra.

**Palavras-chave:** FEB. MINUSTAH. Preparação. Melhoria. Comparar.

## ABSTRACT

### **FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA AND THE PEACEKEEPING MISSION IN HAITI: A COMPARATIVE STUDY OF SELECTION, TRAINING AND PREPARATION FOR FUTURE PROSPECTS**

AUTHOR: Iago Siqueira Matheus  
ADVISOR: Francisco Bento Ferreira Neto

This paper will address the preparation of the troops that integrated the Força Expedicionária Brasileira (FEB) and the contingent that served in the United Nations Stabilization Mission in Haiti (UNSTAMIH). This preparation of the troops was restricted to selection and instruction, since each mission has its uniqueness and, therefore, the study of both is extremely important. Therefore, the study contributes so that the experiences lived are inserted in the planning of future missions, in this way it will be possible to prevent and better prepare the troops for the diverse situations they might be exposed to. The objective of this work was to relate both conflicts with their respective characteristic scenarios, to understand what has changed in the preparation of troops. In addition, the work also exposed the opportunities for improvement that can be taken advantage of, always aiming at improvement in the operations that may arise. To this end, bibliographic data containing information related to the selection and instruction of troops was observed, as well as reports that raised certain criticisms about the conflicts studied. A questionnaire was developed in the form of field research with military personnel who participated in the United Nations Stabilization Mission in Haiti (UNSTAMIH) and this initiative generated percentage records referring to troop readiness. Furthermore, in the field research questionnaire there were also several comments on opportunities for improvements that could be made. Therefore, it was possible to demonstrate that a rapid change in the doctrine of an army requires a profound adaptation and readjustment for operations to be more successful. Thus, this work seeks to understand the importance that should be given to the analysis of errors and the search for opportunities for improvement, so that there is always evolution from one mission to another.

**Keywords:** FEB. UNSTAMIH. Preparedness. Improvement. Comparison.

## **LISTA DE TABELAS**

Quadro 1 – Desafios e mudanças no treinamento no decorrer da missão .....	32
---	----



## **LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 1 – Seleção da tropa brasileira para a MINUSTAH.....	28
Gráfico 2 – Motivação da tropa brasileira para a MINUSTAH.....	28
Gráfico 3 – Instrução da tropa brasileira para a MINUSTAH.....	30
Gráfico 4 – Condição da tropa brasileira para a MINUSTAH.....	31

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACISO	Ação Cívico-Social
AMAN	Academia Militar das Agulhas Negras
BRABAT	Batalhão Brasileiro
CAAdEx	Centro de Avaliação de Adestramento do Exército
CCOPAB	Centro Conjunto de Operação de Paz do Brasil
CIDDR	Curso Integrado de Desarmamento, Desmobilização e Reintegração
CI Op Paz	Centro de Instrução de Operação de Paz
COTER	Comando de Operações Terrestres
DIE	Divisão de Infantaria do Exército
DPKO	<i>Department of Peacekeeping Operations</i>
EAOP	Exercício Avançado de Operações de Paz
EB	Exército Brasileiro
EPCOEM	Estágio de Preparação para o Comandante e o Estado-Maior Combinado
EPCOSUPEL	Estágio de Preparação para Comandantes de Subunidade e Pelotão
EPJAIAC	Estágio para Jornalistas e Assessores de Imprensa em Áreas de Conflito
EPMP	Estágio de Preparação para Missões de Paz
EUA	Estados Unidos da América
FAIBRAS	Destacamento Brasileiro da Força Armada Interamericana
FAB	Força Aérea Brasileira
FEB	Força Expedicionária Brasileira
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MB	Marinha do Brasil
MIF	<i>Multinational Interim Force</i>
MINUSTAH	Missão das Nações Unidas para Estabilização no Haiti
OCCA	Operação de Coordenação e Cooperação com Agências
OM	Organização Militar
ONU	Organização das Nações Unidas
OND	Órgãos Não Divisionários
PMERJ	Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro
PP	Programa Padrão
SGTM	<i>Standardized Generic Training Module</i>
SML	<i>Senior Mission Leadership Course</i>
SSAFE	Curso de Salvaguarda e Segurança na Abordagem dos Trabalhos em Campo
%	Percentual

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
1.1	OBJETIVOS .....	13
1.1.1	Objetivo geral.....	13
1.1.2	Objetivos específicos.....	13
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	<b>14</b>
2.1	FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA: HISTÓRICO, SELEÇÃO E INSTRUÇÃO .....	14
2.1.1	Histórico .....	14
2.1.2	Seleção e instrução.....	16
2.2	A MISSÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A ESTABILIZAÇÃO DO HAITI (MINUSTAH): HISTÓRICO, SELEÇÃO E INSTRUÇÃO DA TROPA.....	18
2.2.1	Histórico da missão.....	18
2.2.2	Seleção e instrução da tropa .....	20
2.3	CCOPAB.....	22
<b>3</b>	<b>REFERENCIAL METODOLÓGICO</b> .....	<b>24</b>
3.1	TIPO DE PESQUISA .....	24
3.2	MÉTODOS .....	24
3.2.1	Cenário histórico.....	24
3.2.2	Dados práticos.....	24
3.3	ANÁLISE ESTATÍSTICA .....	25
<b>4</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	<b>26</b>
4.1	COMPARAÇÃO ENTRE SELEÇÃO E INSTRUÇÃO DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA E DO CONTINGENTE BRASILEIRO PARA A MINUSTAH.....	26
4.1.1	Quanto à seleção do pessoal.....	26
4.1.2	Quanto à instrução da tropa.....	29
4.2	OPORTUNIDADES DE MELHORIA VISANDO MISSÕES FUTURAS .....	31
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>35</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>37</b>
	<b>APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO</b> .....	<b>40</b>
	<b>APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DAS RESPOSTAS ABERTAS NA ENTREVISTA</b> .....	<b>44</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Desde os mais remotos períodos da história, a análise dos diversos conflitos já existentes é uma das maneiras mais eficazes de se observar a forma como um país está preparado para futuras missões.

Com uma série de observações críticas, existe a capacidade de entender melhor como um Estado está organizado e como reagiria em uma situação de desequilíbrio em qualquer aspecto e dimensão que seja.

No caso do presente trabalho os conflitos que serão apresentados ocorreram em diferentes cenários: um é característico de operação de não guerra, com participação das OCCA (Operação de Coordenação e Cooperação com Agências) para estabelecer a paz no Haiti; já o outro trata-se de uma guerra beligerante, com emprego de tropas constantemente no combate. Destaca-se, ainda, que o trabalho não irá se ater ao desenrolar do conflito por inteiro, mas somente aos antecedentes, às motivações e, principalmente, à preparação realizada pela tropa. Somado a isso, tem-se o assunto fim deste trabalho: com o avançar das épocas, o que mudou em relação aos fatores que influenciam em um campo de batalha, o que contribuiu a isso, quais fatos históricos marcam esses momentos, dando ênfase nas diversas fases da preparação das tropas brasileiras, até mesmo na seleção, e também nas experiências vividas na execução das missões ocorridas durante a participação da FEB na Segunda Guerra Mundial e na Operação de Paz realizada no Haiti. E, se aprofundando ainda mais, de que forma essa nova conjuntura militar contribuiu e ainda ajuda o Exército a resolver os diversos conflitos que têm ocorrido na atualidade, traçando um olhar comparativo com o ocorrido na Segunda Guerra Mundial e, assim, observar as diversas experiências vividas nessas operações a fim de serem melhor aproveitadas em futuras missões que vierem a existir.

Como conteúdo principal, esta pesquisa irá se ater aos aspectos das táticas, técnicas, procedimentos e adestramento da tropa ao observar dois momentos muito marcantes militarmente no cenário mundial. No primeiro momento, a participação da Força Expedicionária Brasileira na 2ª Guerra Mundial, e, no segundo momento, a participação brasileira na operação de pacificação no Haiti, pela ONU.

Tanto em uma como em outra ação, será explicado desde o cenário político e histórico em cada período, a seleção, a preparação e instrução que contribuíram para a execução das missões.

Para este estudo, foram levantadas diversas informações oriundas de livros e documentários, dos quais foram extraídos relatos de combatentes que viveram a situação real

da guerra, que sabem e sentiram como é realizar uma missão nos determinados ambientes que os conflitos lhes impuseram.

Além disso, foi feita uma pesquisa em formato de questionário com o intuito de colher informações da missão de pacificação no Haiti. É importante ressaltar que essa pesquisa possui diversos pontos de vista, visto que fora realizada tanto por praças quanto por oficiais que participaram da missão, tudo isso com a intenção de compilar as diversas oportunidades de melhoria relatadas a fim de reduzir possíveis equívocos em outras operações.

Com isso, o trabalho evidencia que é oportuno enfatizar que a importância que deve ser dada à análise de erros e oportunidade de melhoria das missões passadas é de grande valia para que um Exército evolua em sua doutrina e se torne ainda mais preparado para futuras missões.

E, agora, tendo em vista que o Brasil passou a ter certo prestígio político externo proveniente do sucesso na operação de paz no Haiti, é provável que sua participação em missões exteriores se torne ainda mais comum. Dessa maneira, cresce ainda mais de importância a revisão dos conflitos para que determinados erros não sejam cometidos novamente.

A presente monografia está assim estruturada: o primeiro capítulo, Introdução, aborda uma apresentação de modo geral do tema proposto para o trabalho. Procura, também, apresentar os objetivos geral e específicos da pesquisa bem como a sua justificativa e relevância. O segundo capítulo, Referencial Teórico, desenvolve de uma maneira mais conceitual a pesquisa. O seu primeiro subcapítulo é iniciado por alguns fatos históricos que levaram ao surgimento da missão, e, sucessivamente, é apresentada a forma com que essa tropa foi preparada para atuar na Itália, enfatizando dados da instrução e seleção da tropa. O segundo subcapítulo segue uma sequência similar ao anterior, porém, se tratando da missão no Haiti, e terminando com um terceiro subcapítulo, que discorre sobre algumas informações do CCOPAB (Centro Conjunto de Operação de Paz do Brasil).

O terceiro capítulo, Referencial Metodológico, compreende a elaboração e execução da pesquisa, por meio da entrevista, no que tange a sua natureza e objetivos. Ele é dividido, respectivamente, em Tipo de Pesquisa, Métodos (subdividido em Cenário Histórico e Dados Práticos) e Análise Estatística, abordando sobre classificação do tipo de pesquisa executada, a descrição e justificativa do método utilizado na pesquisa e a maneira como foi realizado o faseamento de cada etapa. No quarto capítulo, Resultados e Discussão, o primeiro subcapítulo compara a seleção, instrução e preparação da tropa entre ambos os conflitos, expondo estatísticas sobre alguns dados de importante valia para a execução da missão no Haiti. Após

isso, no segundo subcapítulo, são apresentadas as melhoras e as possíveis oportunidades de melhorias, visando a evolução para missões futuras.

O trabalho será finalizado no quinto capítulo, com as Considerações Finais, que busca trazer a resposta ao problema da pesquisa, no qual serão esclarecidas as melhores mudanças a serem incrementadas ou mantidas para o sucesso ainda mais seguro de futuras missões, sugerindo, a partir do resultado observado, novas linhas de pesquisa.

## 1.1 OBJETIVOS

### 1.1.1 Objetivo geral

O objetivo geral do estudo consiste em compreender e apresentar oportunidades de melhoria do emprego de tropas brasileiras em dois momentos de conflito histórico brasileiro e com diferentes condicionantes, verificando a seleção, instrução e preparo da tropa, para assim, tirar proveito das experiências passadas utilizando-as em missões futuras.

### 1.1.2 Objetivos específicos

Apresentar o contexto histórico, explicando o que motivou a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial e, posteriormente, o desdobramento de militares da FEB para atuar na Itália.

Verificar como se deu a seleção, instrução e preparação da FEB.

Apresentar o que levou e como foi criada a MINUSTAH para atuar na missão de estabilização no Haiti.

Entender como foi realizada a seleção, instrução e preparação dos contingentes para atuarem nessa missão da ONU e mais especificamente entre o período de 2008 e 2017.

Conhecer o surgimento e atividades do CCOPAB.

Comparar e apontar as diferenças entre a preparação das tropas da FEB e dos contingentes que atuaram no Haiti.

Indicar as melhoras e possíveis oportunidades de melhoria como experiência da missão mais recente dentre as duas retratadas no presente trabalho, para que sejam utilizadas futuramente em novas missões.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

Os assuntos desenvolvidos no trabalho são Força Expedicionária Brasileira e missão de pacificação do Haiti, campo de pesquisa inserido nas áreas de História Militar e de Relações Internacionais, conforme definido na Portaria nº 734, de 19 de agosto de 2010, do Comando do Exército Brasileiro (BRASIL, 2010).

### **2.1 FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA: HISTÓRICO, SELEÇÃO E INSTRUÇÃO**

O presente capítulo apresenta de que forma se encontrava o Brasil no momento que se decidiu e confirmou a participação de tropas brasileiras na Segunda Guerra Mundial, assim como em que contexto se teve essa decisão. Após essa breve introdução, o capítulo estará voltado à seleção e instrução da tropa, com as ideias voltadas para a organização e, principalmente, o preparo dos militares que em breve atuariam bravamente na Itália.

#### **2.1.1 Histórico**

A guerra é um fator crucial para a mudança de fase de qualquer Estado e não é possível simplesmente deletá-la da história, pois a grande maioria desse tipo de conflito acaba por determinar um sistema político e ideológico.

Foi nesse contexto que se iniciou a Segunda Guerra Mundial. Em 1939, a situação na Europa ficava cada vez mais tensa ao passo que ocorria uma divergência de ideologias, quando Adolf Hitler, governante da Alemanha e líder do nazismo, desafiava o Tratado de Versalhes defendendo sua ideia de espaço vital e, dessa forma, foram surgindo diversos outros interesses que vieram fomentar o clima de guerra que havia nesse período.

Todavia, no Brasil, o governo de Getúlio Vargas contava com uma política autoritária e centralizadora, o que muito se assemelhava com as ditaduras fascistas da Europa. Isso deixava claro que seu governo possuía um provável alinhamento com a Alemanha e Itália. Vargas deixava explícita sua simpatia pelo nazismo ao comentar a invasão da Polônia pelo Exército nazista: “marchamos para um futuro diverso de tudo quanto conhecemos em matéria de organização econômica, política e social. Passou a época dos liberais imprevidentes, das demagogias estereis, dos personalismos inúteis e semeadores da desordem” (VARGAS, 1939 apud FARIA, 2015).

No desenrolar do conflito, em dado momento, outros interesses foram postos à mostra para o Brasil, que se viu diante de um impasse: mantinha o mesmo pensamento inicial, juntando-se aos países do Eixo, entre os quais se encontrava a Alemanha, oportunidade essa que tenderia a manter importantes relações comerciais, ou unir-se aos Aliados, que representaria uma possível parceria econômica, essencialmente com os Estados Unidos.

Os americanos queriam evitar que o Brasil fornecesse quaisquer minérios ou materiais estratégicos aos países do Eixo. Com esse propósito, eles assinaram, em 1941, um contrato de aquisição preferencial desses produtos. Vargas propôs aos americanos a troca desses minerais e da borracha por créditos para assistência técnica, aquisição de armamentos e implantação de projetos industriais. (DA CÁS, 2015, p. 235).

Apesar desse impasse, o governo brasileiro acabou rompendo relações com os países do Eixo, em 28 de janeiro de 1942, tendo como principais razões a influência gerada pela Doutrina Monroe e o acordo firmado na reunião dos diplomatas das Américas em Havana, em 1940, o qual afirmava que qualquer atentado a países das Américas seria considerado ato de agressão a todos. Somado a isso, houve ainda o bloqueio marítimo imposto, tanto pela Inglaterra quanto pela Alemanha na Europa (DA CÁS, 2015).

Segundo Da Cás (2015), o envolvimento do Brasil na Guerra iniciou-se em 1941, bem antes do rompimento das relações diplomáticas com o Eixo, quando o navio Taubaté fora bombardeado e metralhado por um avião da *Luftwaffe*, ao navegar entre Chipre e Alexandria, trazendo a morte de um tripulante e o ferimento de outros 13, o que, em consequência, gerou protestos da diplomacia brasileira. A partir daí e após o primeiro navio mercante brasileiro (Cabedelo) desaparecer, em 1942, mais 18 navios mercantes brasileiros foram afundados pela ação alemã, e isso marcou a declaração de Guerra à Alemanha e à Itália. Sucedido a isso, outros 12 foram afundados, ocasionando a morte ou o desaparecimento de 971 pessoas. Esses afundamentos representavam cerca de um terço da Marinha Mercante Brasileira.

Os ataques geraram comoção e protestos em todo o país.<sup>91</sup> Uma resposta enérgica era esperada e apoiada por muitos setores da sociedade,<sup>92</sup> incluindo a Igreja Católica que condenou as agressões e afirmou que era a obrigação dos brasileiros defenderem a sua terra e não admitir o imperialismo da força “responsável por ter trazido a atual situação caótica em que se encontra o mundo. A igreja ajudará a combater o totalitarismo”. O Arcebispo de São Paulo, Dom José Gaspar de Affonseca [sic.] afirma que a instituição “[...] condena a guerra, a agressão, mas aconselha a reação aos que, sem Deus e sem lei, atacam os povos pacíficos, cristãos e hospitaleiros como ora fazem os nazifascistas contra o nosso estremecido Brasil”. (FOLHA DA MANHÃ, 1942, p. 1 e 5).



Outras linhas de pensamento já apontam uma outra motivação que levou o Brasil a entrar na guerra. Com seu discurso patriota, Oswaldo Matuk, que foi para a guerra como sargento, indica bem como foi esse sentimento:

(...) um repórter comunicou que o Brasil tinha declarado guerra e, já nessa hora, estava convocando os brasileiros para se apresentarem, a fim de vingarem os torpedeamentos de navios. Aquilo me penetrou na alma porque diversos navios tinham sido afundados, num total de 32. Isso, para quem ama a Pátria e dá valor ao patrimônio nacional é o mesmo que uma punhalada no coração. Surge o sentimento de vingança não sei se comovido pelas marchas militares ou pela voz do locutor. (MATUK, 2001, p. 248).

### 2.1.2 Seleção e instrução

Com a divulgação relacionada ao afundamento dos navios, houve diferentes reações por parte dos brasileiros. Havia os voluntários, os que resignaram e até mesmo os que não queriam ir de maneira alguma.

Sucedendo a convocação, fora reunida a tropa recrutada para realizar exames médicos e, posteriormente, o treinamento. Porém, essa mobilização foi dificultada pela precariedade e insuficiência de reservas disponíveis.

De acordo com Savian (2015), quanto à seleção médica, percebeu-se uma falta de padronização nos locais que realizaram esse tipo de inspeção. Houve casos em que se relatou grande rigorosidade dos médicos, enquanto outros descreveram uma total negligência, o que obviamente explica o fato de terem sido nomeadas juntas médicas em diversos locais do país e sem um padrão a se seguir.

A seleção para o comando das subunidades da FEB também gerou um problema, porque o quadro de capitães do Exército estava envelhecido (DA CÁ, 2015). Dessa forma, os quadros foram renovados por novos capitães inexperientes e não possuidores do Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais. Consequentemente, os comandos de pelotões também foram assumidos por militares inexperientes para o combate, tenentes e até mesmo aspirantes a oficial. Após a seleção, outro problema estava por vir, o alojamento.

Os alojamentos tiveram que ser improvisados em locais de extremo calor, onde restos de comida eram atirados em um dos pavilhões, o que acabava por trazer muitas moscas para o ambiente. Somado a isso, a alimentação servida à tropa era de péssima qualidade, havendo pouco cuidado com sua preparação, fazendo com que se tornasse comum a existência de moscas dentro da comida. Mas a precariedade não parava por aí. Conforme comentou o tenente José Álfio Piason, pracinha que combateu com a FEB na 2ª Guerra, “a alimentação é servida em marmitas e os restos jogados pelos cantos, depois as marmitas são limpadas com

folhas de papel, ou quando muito, areia e água fria, permanecendo, assim, sujas e engorduradas de causar nojo (...) atração de enxames de insetos” (PIASON, 1950, p. 94).

Os uniformes usados pela tropa também eram de má qualidade, facilmente rasgavam e desbotavam, além de muito machucar os soldados. Logo após, fora substituído por um uniforme que continha a mesma cor do das tropas alemãs, trazendo novamente problemas aos brasileiros ao desembarcarem na Itália, pois, por muitas vezes, eram confundidos por prisioneiros alemães, e, por isso, foram agredidos em alguns momentos (SAVIAN, 2015).

Mais difícil ainda foi a transformação que se teve de uma Força Armada Brasileira desaparelhada, com organização, instrução e doutrina de emprego de características francesas e armamentos e equipamentos antiquados e insuficientes para uma Força Armada com uma ideia de mobilização que viria a apelar para o parque industrial dos Estados Unidos. Dessa maneira, o Brasil conseguiria adquirir grande parte dos equipamentos e munições necessários para a defesa do território e litoral. O coronel Adhemar Rivermar de Almeida, antigo capitão da FEB, discorre sobre o que foi dito:

Quase que de súbito tudo se transformara, passando a instrução da FEB e reger-se por nova doutrina, com o manejo de novas armas e materiais. Difícil, quase impossível, era conseguir-se a mudança dessas novas técnicas e processos em tão poucos meses, apesar do trabalho desenvolvido pelos oficiais brasileiros vindos de rápidos estágios no Exército americano, das apressadas traduções de seus manuais ou da instrução, dada no Brasil, por uns poucos oficiais e graduados daquele Exército, indicados mais por falarem um pouco de português do que por seus conhecimentos profissionais. (ALMEIDA, 1985, p. 30).

Tempos após a tão esperada requisição, chega o material, porém, em quantidade insuficiente para que todos os soldados tivessem noção mínima de conhecimento e manejo.

A instrução no Brasil desenvolveu-se da seguinte forma:

(...) Subsequente a fase de reorganização de alguns corpos de tropas e a formação de outros, de 10 de janeiro à 1 de junho de 1945, comportaria, em princípio, duas fases: na primeira fase – depois de terminada a revisão aprofundada da instrução individual, que abordaria: instrução básica individual, instrução dos graduados, instrução peculiar das armas ou serviços, formação de especialistas e instrução da tropa. Tinha como objetivo principal, o adestramento e emprego das frações elementares das armas. Na segunda fase – o objetivo principal consistiria no adestramento e emprego das subunidades de cada arma, fazendo-se também este no âmbito da unidade imediatamente superior. O esquadrão de reconhecimento e a companhia de transmissões, nesta fase, não deveriam ultrapassar o emprego de suas frações constitutivas. No fim deste período, os corpos de tropas já deveriam ter estabelecido uma situação homogênea de instrução para todos seus elementos. (Transcrição, adaptada de documento da FEB/AHEX).

Contudo, conforme cita Da Cás (2015), houve diversos problemas nas instruções da FEB: falta de materiais americanos; pequeno número de instrutores; empirismo e autodidatismo (decorrente da dificuldade de traduzir os manuais norte-americanos); falta de centros de instrução; e excesso de visitas de autoridades brasileiras e norte-americanas. Dessa forma, as instruções ficaram limitadas à ordem unida, à educação física e ao adestramento da tropa.

Em síntese, as palavras do próprio Marechal Mascarenhas de Moraes resumem bem a preparação da FEB: “(...) seus três primeiros escalões de embarque, integrantes da 1ª DIE, chegaram à Itália com o treinamento incompleto e inadequado, e os dois últimos partiram do Brasil, praticamente sem instrução” (DA CÁS, 2015).

## 2.2 A MISSÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A ESTABILIZAÇÃO DO HAITI (MINUSTAH): HISTÓRICO, SELEÇÃO E INSTRUÇÃO DA TROPA

Este capítulo tem como principal finalidade mostrar de que forma se deu a preparação da tropa brasileira para cumprir a missão de paz no Haiti. Para isso, será necessário entender como era o cenário da sociedade haitiana nesse período e o que motivou o Brasil a aceitar essa missão. Melhor compreendido esses assuntos, será possível explicar, de fato, como se deu a preparação da tropa, com maior enfoque na seleção e instrução.

### 2.2.1 Histórico da missão

A corrupção, o descaso internacional e a falta de compromisso das autoridades locais para com seu povo são alguns dos aspectos que mancharam a história do Haiti. Já na década de 1990, quando o ex-padre Jean Bertrand Aristide ocupou a presidência da República, o país já era o mais pobre das Américas e, segundo dados do IBGE, contava com uma devastação ambiental fora do comum, desemprego atingindo 70% de sua população economicamente ativa, expectativa de vida na faixa dos 51 anos, taxa de analfabetismo próximo aos 50%, com 80% da população sobrevivendo abaixo da linha da pobreza e com doenças endêmicas muito graves (LESSA, 2007).

Com suspeitas de manipulação de votos nas eleições presidenciais de 2000 em favor de Jean-Bertrand Aristide, a insatisfação da oposição só passou a aumentar. Então, em 2004, quando insurgentes iniciaram conflitos armados e extremas violações de direitos humanos, Aristide fora obrigado a pedir renúncia.

Tais suspeitas fomentaram a insatisfação da oposição que, a partir de 2003, começou a clamar pela renúncia do presidente. A tensão prolongou-se até 2004, quando, por iniciativa de insurgentes, conflitos armados eclodiram em todo o país e deram ensejo a massivas violações de direitos humanos, começando pela cidade de Gonaives, o que forçou Aristide a deixar o país. (FAGANELLO, 2013, p. 218).

Com isso, o representante permanente do Haiti junto às Nações Unidas, pediu assistência ao Conselho de Segurança da ONU, que aprovou a Resolução nº 1529 (2004), que autorizou tropas estrangeiras a entrarem em território haitiano, amparadas no capítulo VII da Carta das Nações Unidas, por um período máximo de três meses:

A MINUSTAH substituiu, em 1º de junho de 2004, a Multinational Interim Force (MIF), aprovada pela Resolução 1529 (2004). A tensão prolongou-se até 2004, quando, por iniciativa de insurgentes, conflitos armados eclodiram em todo o país – dando ensejo a massivas violações de direitos humanos –, começando pela cidade de Gonaives, forçando Aristide a deixar o país. A MIF foi desdobrada para uma atuação de três meses, com o mandato de auxiliar a prestação de assistência humanitária, bem como estabilizar e assegurar a paz no Haiti. (EXÉRCITO BRASILEIRO, 2004, s/p).

O governo brasileiro decidiu por liderar o contingente militar da MINUSTAH e, em junho de 2004, despachou seu primeiro contingente para o país caribenho, integrado por cerca de 1.200 homens, para um período inicial de seis meses. Para isso, foi indicado o chefe militar da missão, general Augusto Heleno Ribeiro Pereira, que passou a comandar o Contingente Militar da Missão, integrado por militares de 12 países, totalizando um efetivo de 6.700 homens (LESSA, 2007).

Desse universo, quase 1.300 homens eram de nacionalidade brasileira. O emprego dessa monta de recursos humanos, mais equipamentos e esforços logísticos, fez da MINUSTAH o evento de maior participação das Forças Armadas brasileiras desde a Segunda Guerra Mundial. (FAGANELLO, 2013, p. 220).

O Haiti, até o dia 12 de janeiro daquele ano, era um país que registrava o exemplo mais bem-sucedido de uma operação de estabilização da ONU. Era possível identificar que as tarefas atribuídas aos componentes da MINUSTAH estavam, em sua maioria, consolidadas (HAMANN, 2017).

Porém, no dia 12 de janeiro, essa situação viria a ficar ainda mais deteriorada do que aquela encontrada pela MINUSTAH em 2004. E não era apenas por motivos das áreas atingidas pelo terremoto. Os fluxos migratórios descontrolados também vieram a surgir nesse contexto. Com isso, reforços de tropa brasileira foram enviados para ampliar a capacidade de provimento de ajuda humanitária. As tropas brasileiras foram empregadas momentos após o

terremoto, as quais realizavam ações como socorro às vítimas nas ruas, retirada de corpos de escombros e limpeza das vias de circulação de Porto Príncipe. Para isso, e com o objetivo de amenizar a crise, houve a adaptação da base do Batalhão Brasileiro (BRABAT, na sigla em inglês). A Companhia de Engenharia de Força de Paz foi engajada além dos limites doutrinários de emprego e assim se manteve, mesmo decorrido tempo considerável após o abalo sísmico.

Porém, a solidariedade brasileira não se encerrou nesse momento, pois, com sua extrema disposição de enviar esforços para o Haiti, o Brasil antecipou o oferecimento de tropas que haviam sido solicitadas, desdobrando, dessa forma, um segundo batalhão autossustentável (BRABAT 2), o que contribuiu ainda mais para a ampliação do componente militar da MINUSTAH.

(...) por meio da Resolução 1908, de 19 de janeiro de 2010, aumentou o efetivo da MINUSTAH para apoiar o imediato restabelecimento, a reconstrução e os esforços para alcançar a estabilidade. Assim, o Congresso Nacional aprovou o envio de mais 1300 militares brasileiros, sendo 900 enviados imediatamente. Este efetivo compõe o BRABATT 2 e sua missão é atuar na segurança, na distribuição de água e alimentos, no atendimento a feridos e desabrigados e na reconstrução da infraestrutura. (VALENCIA, 2010, p. 183).

### **2.2.2 Seleção e instrução da tropa**

O processo para a seleção dos militares que viriam a atuar no Haiti contribuiu para selecionar de uma maneira bastante eficaz as pessoas que possuíam perfil e que estariam mais aptas para o cumprimento da missão no período que fosse exigido. Evidenciando isso, o documento retrata a preocupação, tendo em vista a importância da missão no exterior. “Caso a Brigada não possua militares que se enquadrem no perfil indicado, o Comando Militar de Área selecionará em outras OM desse Cmdo. Se ainda assim não conseguir selecionar, solicitará ao COTER o preenchimento dos claros” (BRASIL, 2015, p. 3).

Para isso, foram realizados exames médicos, físicos, questionários, entrevistas e testes psicológicos, entre outros, o que contribuiu para antever possíveis problemas.

A execução de exames laboratoriais, vacinações, radiografia do tórax e eletrocardiogramas ocorreram desde o início do processo de seleção, sendo a inspeção gerenciada pela Junta de Inspeção de Saúde, tendo como finalidade verificar a aprovação para o militar ir para a missão (CARLOS EURICO, 2018).

Para os exames psicológicos, o procedimento ocorreu logo no início da seleção. Profissionais capacitados do Centro de Estudo de Pessoal aplicaram entrevistas e testes para

verificar o estado mental dos militares participantes do processo. É importante ressaltar que o resultado gerado por esse exame analisa um estado temporal da preparação, projetando um futuro mais próximo de um ano, o que ajuda na escolha dos militares, reduzindo possibilidades de problema na missão (CARLOS EURICO, 2018).

Sendo também uma das importantes partes do processo de seleção, os exames físicos consistem na aplicação de testes de aptidão física acompanhados de militares do Instituto de Pesquisa e Capacitação Física do Exército, permitindo, dessa forma, o acompanhamento da evolução do preparo dos militares que irão participar da missão real. Dessa forma, estando em boas condições físicas, serão capazes de suportar operações com o uso obrigatório de colete balístico, capacete e outros instrumentos de emprego militares.

Notoriamente, fica claro detectar o nível de cobrança exigido na seleção e a seriedade pela qual os militares voluntários são submetidos.

Se tratando da preparação da tropa, a realidade haitiana exigiu uma intensa e rápida adaptação para os contingentes iniciais brasileiros. Os diversos patrulhamentos, domínio territorial, operações urbanas, ações de busca, cerco, vasculhamento, entre outros, foram o que direcionaram o treinamento. Dessa forma, as experiências iniciais foram ajustando o treinamento no CIOpPaz.

Ainda em 2005, CI Op Paz e CAAdEx estabelecem o treinamento completo do primeiro contingente, incluindo o Exercício Avançado de Operações de Paz (EAOP). Para tal, foi estabelecido o primeiro Programa Padrão (PP) de instrução, editando, fundamentalmente, uma revisão da experiência brasileira nos idos de 1965, quando do desdobramento do Destacamento Brasileiro da Força Armada Interamericana (FAIBRAS). (HAMANN, 2017, p. 28).

Para isso, objetivando as condições necessárias para entender o mandato, estágios e cursos específicos foram concebidos a sargentos, tenentes, comandantes de companhia, oficiais de Estado-Maior e comandantes de batalhão.

O primeiro semestre de 2007 foi dedicado a atender instruções para o 7o Contingente. O primeiro evento nas instalações do novo Centro foi o Estágio de Preparação para o Comandante e o Estado-Maior Combinado (EPCOEM) do Batalhão Haiti, antecedendo o Exercício Avançado para Comandantes e Estado-Maior. Naquela oportunidade, o Centro recebeu seus primeiros alunos da Marinha e da Aeronáutica. Pode-se afirmar que essa foi a primeira atividade de instrução “conjunta”. No segundo semestre, além desse estágio, realizou-se a primeira versão do “Estágio de Preparação para Comandantes de Subunidade e Pelotão (EPCOSUPEL)” do 8o Contingente. (HAMANN, 2017, p. 28).

Somado a isso, treinamentos práticos nas regras de engajamento da MINUSTAH foram pensados e desenvolvidos com as condições necessárias para que soldados e comandantes pudessem realizar o uso correto do armamento e apropriação do terreno, dando ênfase para módulos de tiro, combate urbano e liderança.

Utilizando parte das novas instalações, o Centro adotou um currículo de treinamento com foco na instrução de tiro, na utilização do terreno e nas regras de engajamento, além dos módulos de treinamentos padronizados pelas Nações Unidas - Standardized Generic Training Module (SGTM). Além disso, o Centro participou de instruções de preparo e foi o responsável pela montagem do EAOP da Companhia de Engenharia de Força de Paz. (HAMANN, 2017, p. 28).

### 2.3 CCOPAB

A quarta fase da evolução da arquitetura de treinamento das tropas brasileiras inicia-se em 15 de junho de 2010, quando a Portaria nº 952 do Ministro da Defesa designa o CI Op Paz para a preparação de militares e civis brasileiros e de nações amigas a serem enviados em missões de paz e desminagem humanitária e altera sua denominação para Centro Conjunto de Operações de Paz do Brasil (CCOPAB) (HAMANN, 2017, p. 27).

A partir do desencadeamento da MINUSTAH e com a previsão de envio de vários contingentes, o Exército criou em 2005, na Vila Militar do Rio de Janeiro, o Centro de Instrução de Operações de Paz (CIOPaz) que tinha como missão contribuir para a pesquisa, desenvolvimento e a validação da doutrina de emprego da Força Terrestre no que se refere às operações de paz, o qual, mais tarde, por meio da Portaria 952/MD, de 15/06/2010, se transformou no Centro Conjunto de Operações de Paz do Brasil (CCOPAB). A partir daí os comandantes de frações passaram a realizar estágio de preparação neste Centro para depois transmitir as instruções às suas frações. (BLANKE, 2017, p. 19).

A sua criação é um dos principais avanços do Exército Brasileiro. Além de oferecer cursos e estágios agregando diversas forças auxiliares, com investimentos em profissionais capacitados, o CCOPAB oferece programas voltados ao público civil – como o Estágio de Preparação para Assessores de Imprensa em Áreas de Conflito, Curso de Proteção de Civis e Curso de Segurança e Salvaguarda em Ambientes com Missão das Nações Unidas. Tais exercícios são refletidos no alto grau de desempenho demonstrado pelas tropas brasileiras no exterior, gerando reconhecimento, treinando militares no Brasil e recebendo estrangeiro com mútuo intuito.

No contexto dos assuntos que abordam os procedimentos utilizados no Haiti, o CCOPAB (2006) dá maior importância para o tiro, aproveitamento do terreno e instruções sobre as regras de engajamento.



### **3 REFERENCIAL METODOLÓGICO**

#### **3.1 TIPO DE PESQUISA**

Foi realizada uma pesquisa com coleta de dados, tanto as extraídas por historiadores e especialistas com amplo conhecimento sobre o assunto quanto práticos, esses provenientes de documentários em forma de entrevista e relatório, nos quais quem esteve realmente presente nas operações explanou todos os processos que se deram nas ações.

#### **3.2 MÉTODOS**

##### **3.2.1 Cenário histórico**

São as pesquisas bibliográficas que deram embasamento teórico e deixaram explícito todo o cenário em que o Brasil se encontrava no momento de entrada na participação de ambas as missões. Com isso, foram coletadas informações que explicam e fundamentam a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial e a participação na MINUSTAH. Para esta pesquisa, foram divulgados conhecimentos adquiridos com autores que têm experiência no assunto, relatórios e artigos feitos em conjunto com a CCOPAB, além de relatos de ex-combatentes da FEB para se obter uma visão ainda maior acerca da motivação, seleção, preparação, instrução e atuação nos campos e localidades de combate.

##### **3.2.2 Dados práticos**

A fim de apresentar melhores condições do objetivo desta pesquisa, foram coletados dados provenientes de documentários e relatos dos pracinhas que estiveram em atividade nos campos de batalha e participaram das operações executadas na Itália. Além disso, por meio de relatórios e questionários respondidos por militares que de fato atuaram na missão do Haiti, foi possível analisar lições de aprendizagem e perspectivas para que futuras missões possam ser planejadas, preparadas e executadas com ainda menos chances de erros.

### 3.3 ANÁLISE ESTATÍSTICA

Para melhor analisar os dados e conclusões tiradas visando o objetivo deste trabalho, foram retiradas informações de relatos de pracinhas da FEB sobre as principais dificuldades encontradas e os aspectos que faltaram para que esses militares tivessem melhores condições combativas para executar as missões que lhes foram designadas. Junto a isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica para ampliar ainda mais esses campos de dados. Além disso, serão expostos resultados de um questionário respondido por ex-integrantes da MINUSTAH sobre a preparação e a vivência na operação de paz.

O questionário foi realizado via internet e respondido por cinquenta e um militares, entre praças e oficiais do Exército Brasileiro participantes da missão no Haiti.

Na análise dos dois períodos históricos, por meio dos relatos e questionários, serão divulgados dados para se obter uma comparação entre essas duas linhas da história no que tange à motivação, seleção, preparo, instrução e o mais importante: de que forma será possível o aproveitamento dessas experiências para melhor empregar e fazer cumprir futuras missões por tropas brasileiras.

## **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **4.1 COMPARAÇÃO ENTRE SELEÇÃO E INSTRUÇÃO DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA E DO CONTINGENTE BRASILEIRO PARA A MINUSTAH**

Neste capítulo, será apresentada a comparação da seleção e instrução da tropa brasileira que atuou na Segunda Guerra Mundial e da mais recente seleção e instrução para participar da Missão das Nações Unidas de Estabilização do Haiti (MINUSTAH). Para isso, serão apresentados dados coletados a partir de relatos de pracinhas provenientes de fontes bibliográficas e de relatos de ex-integrantes da MINUSTAH, participantes da missão de 2008 a 2017. Desse modo, busca-se verificar as mudanças ocorridas na preparação do Exército Brasileiro no que se refere às operações reais, demonstrando, apesar das diferentes tipificações (guerra e não-guerra), o emprego no cenário internacional das tropas brasileiras.

#### **4.1.1 Quanto à seleção do pessoal**

Devido às dificuldades provenientes das diferentes condicionantes trazidas pela situação brasileira vivida na época, a seleção dos combatentes que integraram a FEB não ocorreu da forma desejada, fato esse que de forma alguma fez desmerecer a conduta heroica dos pracinhas nesse grande conflito bélico, devendo permanentemente ser lembrada como exemplo às gerações vindouras.

Dentre essa dimensão de fatores que dificultaram e tornaram ineficaz o recrutamento da tropa que compôs a FEB, destacam-se as más condições físicas e psicológicas de grande parte dos brasileiros, conforme retrata o general Manoel Thomaz Castello Branco, em seu livro *O Brasil na II Grande Guerra*: “se os exames físicos deixaram a desejar, pior ainda foram os psicológicos, por cujas malhas passaram centenas de homens, inclusive oficiais que não estavam em perfeitas condições para suportar as imensas responsabilidades que lhes caberiam na batalha” (BRANCO, 1960).

A seleção para o comando das subunidades da FEB também trouxe muitos problemas de inexperiência para o combate, porque com o quadro envelhecido de capitães, o Exército se viu obrigado a comissionar no posto de capitão tenentes e até mesmo aspirantes a oficial, que, inclusive, não possuíam o Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais no comando das subunidades.

Segundo Savian (2015), de acordo com relatos de pracinhas, a má alimentação, péssimos alojamentos, árduo treinamento, desmotivação para ir à guerra, falta de adaptação à vida castrense, problemas com relacionamentos interpessoais, entre outros fatores, levaram muitos a pensar em desertar ou a encontrar outros meios para não servir na guerra. Vicente Grataliano, soldado atirador, conta um caso em que deserções ocorreram:

o coronel comandante do 6º RI pôs a Unidade em forma e falou: – Olhem, hoje vocês todos serão dispensados e às 04:00 horas da tarde eu os quero de volta, aqui, prontos. Nós vamos embarcar, mas não sabemos ainda para onde. – Quem quiser desertar, é seu problema, mas às 4 horas eu quero todo mundo aqui. Alguns companheiros diziam: – Eu vou para minha casa e não volto. Outros me perguntaram: – Você vai ficar? Eu disse: – Bom, vou ficar. Não vou desertar, eu vou para a guerra. Mas alguns companheiros desertaram (...). (GRATALIANO, 2001, p. 282).

O mínimo de cinco anos de escolaridade, altura mínima de 1,60 cm e peso mínimo de 60 kg foram alguns dos critérios para se estabelecer a seleção da tropa febrina. A rigorosidade para com a seleção médica e psicológica não ocorreu, devido às diversas juntas médicas espalhadas pelo Brasil.

À medida em que se teve um grande amadurecimento em todos os escalões do Exército Brasileiro desde a Segunda Guerra Mundial, as maneiras de se realizar a seleção dos militares para compor missões internacionais se alteraram. Assim, se pode observar que a seleção para integrar a MINUSTAH foi lidada de forma mais justa e rigorosa, se atendo aos objetivos da missão que seria cumprida. Baseada na Diretriz de Preparação Específica da Tropa da Missão de Paz, destacam-se alguns aspectos a serem atendidos pelos militares que integraram a missão: exclusão de qualquer militar que esteja com problema de saúde ou pessoal; obrigatoriedade da assinatura da Declaração de Voluntários para Missão de Paz; e a priorização da seleção de sargentos e oficiais de carreira.

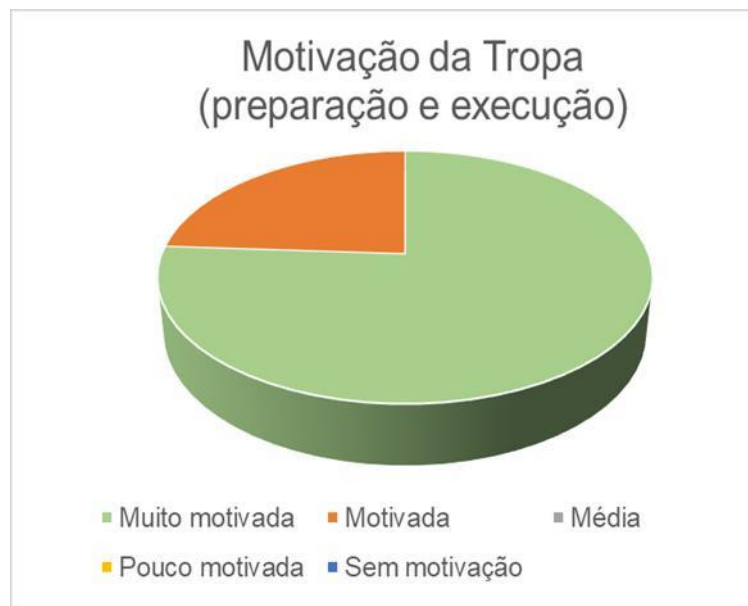
De acordo com a pesquisa de campo realizada com militares do Exército Brasileiro que integraram a MINUSTAH de 2008 a 2017, sobre aspectos relativos à preparação da tropa, dentre eles a seleção e a motivação da mesma, 88% dos entrevistados consideraram que a seleção da tropa ocorreu de forma rigorosa, dos quais 36% consideraram muito rigorosa e 52% de médio rigor. E 100% consideraram a tropa motivada ou muito motivada, dos quais, 76% consideraram a tropa muito motivada e 24% consideraram a tropa motivada. Tais informações podem ser verificadas nos gráficos a seguir.

Gráfico 1 – Seleção da tropa brasileira para a MINUSTAH



Fonte: AUTOR (2021)

Gráfico 2 – Motivação da tropa brasileira para a MINUSTAH



Fonte: AUTOR (2021)

Para a seleção, foram escolhidas pessoas que demonstrassem estar mais aptas ao cumprimento da missão, tudo isso de acordo com os exames médicos, físicos, questionários, entrevistas, entre outros. Além disso, todo esse processo visava reduzir ao máximo a possibilidade de problemas futuros no decorrer da missão.

Junto a essas medidas de precaução, foi possível, também, realizar um acompanhamento da evolução do preparo dos militares que viessem a participar de alguma missão real.

Dessa forma, é perceptível o nível de cobrança e a seriedade pela qual os militares voluntários a compor o contingente brasileiro foram submetidos.

#### **4.1.2 Quanto à instrução da tropa**

Devido à falta de reservas preparadas e prontas para mobilização e emprego, o início da instrução dos pracinhas se ateve à instrução individual básica, fato que influenciou negativamente no período inicial das instruções.

Um outro problema que muito dificultou o andamento das instruções foi o fato de que os instrutores (oficiais ou graduados) ainda tinham hábitos relacionados à doutrina militar francesa, adotada pelo Exército Brasileiro desde a Primeira Guerra Mundial. Como novo aspecto de doutrina militar, as notas de instrução sobre a Doutrina de Emprego do Grupamento Tático foram elaboradas e distribuídas, e, além disso, foram incorporados diversos ensinamentos baseados na grande unidade básica de combate do Exército dos EUA, a Divisão de Infantaria norte-americana (DI).

Somado a essa tentativa de rápida mudança, diversos outros problemas caracterizam a instrução da FEB no Brasil: falta de material norte-americano; difícil adaptação e entendimento dos novos manuais de doutrina militar norte-americana; reduzido número de instrutores; e outras atividades de instrução que se tornaram restritas.

A instrução ficou limitada à ordem unida, à educação física, às marchas e a à instrução geral. Tudo isso prejudicou o rendimento, a instrução e o adestramento da tropa. O treinamento de emprego do grupamento tático acabou ficando restrito a um único grande exercício no terreno. (DA CÁS, 2015, p. 246).

A instrução da tropa para a MINUSTAH foi idônea e, quase sempre, se atentava para que fossem se adequando às experiências vividas em cada contingente anterior. Baseada na Diretriz de Preparação da Tropa para Missões de Paz, contou com instrutores e monitores experientes e com conhecimentos atualizados para serem passados à tropa. Muitas informações recebidas dos batalhões brasileiros, mencionando operações urbanas complexas, patrulhamento ostensivo robusto e intensivo, domínio territorial, ações de busca, cerco, vasculhamento e muitas outras, incluíram o treinamento.

Dessa maneira, uma rápida e intensa adaptação à realidade vivida no Haiti foi feita, principalmente pelos contingentes brasileiros iniciais.

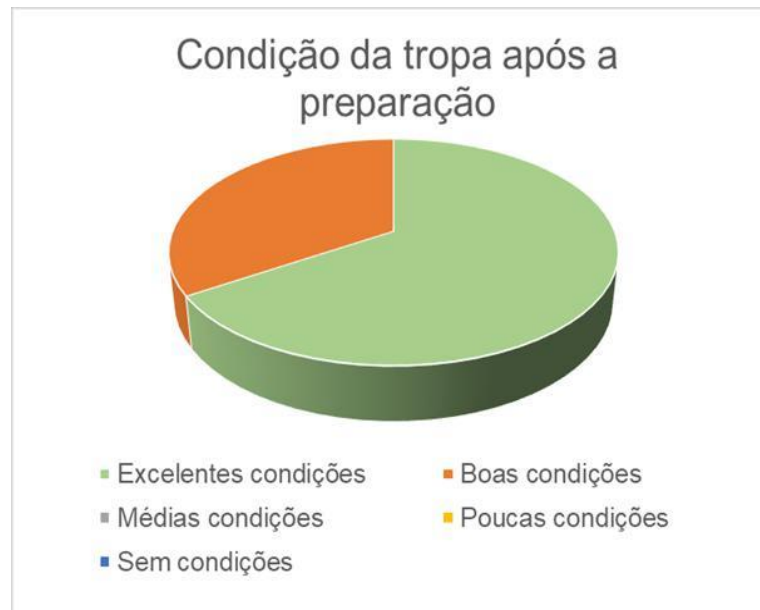
De acordo com uma pesquisa de campo realizada com militares que integraram a MINUSTAH de 2008 a 2017, 72% dos entrevistados consideraram que as instruções da tropa foram suficientes, 14% consideraram que algumas das instruções foram desnecessárias e 10% consideraram que faltou alguma instrução em especial, sendo 4% uma, 2% duas e 2% três ou mais instruções. Já, após a seleção e posterior preparação, 100% consideraram a tropa em boas ou excelentes condições para o cumprimento da missão, sendo que 66% consideraram em excelentes condições e 34% em boas condições. Tais informações podem ser verificadas nos gráficos a seguir.

Gráfico 3 – Instrução da tropa brasileira para a MINUSTAH



Fonte: AUTOR (2021)

Gráfico 4 – Condição da tropa brasileira para a MINUSTAH



Fonte: AUTOR (2021)

A preparação foi sendo desenvolvida conforme as novas ideias para se enfrentar os desafios da área de responsabilidade do Batalhão Brasileiro (BRABAT) foram sendo disseminadas. Uma doutrina de pacificação urbana foi sendo ajustada e desenvolvida em razão da realidade vivida no Haiti.

As operações militares de desarticulação de grupos armados urbanos começaram a migrar para ações tipo polícia, conforme regulação do CIOpPaz, produzindo, dessa forma, treinamentos baseados em assuntos como detenção temporária de indivíduos, mandatos de prisão, policiamento ostensivo, controle de distúrbios e muitos outros. A CCOPAB, que é uma evolução do CIOpPaz, sendo uma unidade do Exército integrada por militares das três Forças Singulares e vinculada ao Ministério da Defesa, possui no seu mandato o objetivo de planejar e executar o treinamento de indivíduos e tropas que sejam desdobradas em operações de paz da ONU e de desminagem humanitária. Esse trabalho, até hoje, contribui para a pesquisa e doutrina; planejamento e condução de cursos e estágios; cooperação com estabelecimentos de ensino; e diversos outros tipos de preparação, com o fim de melhor representar o Brasil nas missões que forem designadas.

#### 4.2 OPORTUNIDADES DE MELHORIA VISANDO MISSÕES FUTURAS

Esta parte abordará as melhoras e possíveis oportunidades de melhoria provenientes da Missão das Nações Unidas do Haiti (MINUSTAH). As informações que serão abordadas são



oriundas de entrevistas respondidas por cinquenta e um militares brasileiros que tiveram experiências em diversas funções no decorrer da missão. Além disso, serão expostos alguns resultados obtidos de um *workshop* sobre MINUSTAH: 10 Anos de Êxito, com a participação dos militares dos países que integraram essa missão no Haiti.

No que diz respeito à seleção da tropa, pôde-se observar que, mesmo atingindo um objetivo considerado, ainda faltaram alguns tipos variados de exames e entrevistas, o que contribuiria a canalizar ainda mais os militares mais aptos a serem empregados nas missões. Além disso, por algumas vezes, determinados militares eram retirados de seus grupos de combate para compor funções no Estado-Maior. Dessa forma, uma solução seria a manutenção e melhor divisão do organograma para a missão. Conforme salienta o Entrevistado n<sup>o</sup> 15:

Manutenção do QO previsto para o cumprimento da missão durante todo o processo de seleção, preparo e emprego da tropa. Na minha experiência, foram cortados militares dos GC para completarem funções no EM. (Entrevistado n<sup>o</sup> 15, 2020, informação escrita).

Se tratando da preparação e instruções, pode-se dizer que, ao passo que a missão ocorria, outros aspectos e finalidades de treinamento passaram a ser objetivados, conforme foi constado pelo grupo 1 em um debate realizado em um *workshop* sobre MINUSTAH: 10 Anos de Êxito.

Quadro 1 – Desafios e mudanças no treinamento no decorrer da missão

Etapas	Desafios do Treinamento	Mudança no Treinamento	Observações
I Etapa Op de Combate	Não havia preparação das Tropas em <i>Standard Operating Procedures (SOP's)</i>	Adaptação de Procedimentos de Capacetes Verde a Capacetes Azul	<i>Cordon And Search Checkpoint</i> CASEVAC/MEDEVAC Negociação
	Não havia Centros de Treinamento de Operações de Paz	Treinamento realizado segundo Parâmetros das Nações Unidas	Melhora-se a qualidade do soldado das Nações Unidas
	Desconhecimento do Mandato e Situação do Haiti	Treinamento no Capítulo VI ao invés do VII	Soldado conhece as ROE e o modo de aplicar a força de forma gradual
	Falta de doutrina de Operações de Paz	Treinamento realizado segundo a nova doutrina de Operações de Paz	Modificações legislativas em distintos países
	Não há equipamento para o treinamento	Treinamento com novo equipamento aumenta as capacidades	Compra de equipamento RIOT (coletes táticos, placas à prova de balas, etc.)
	Emprego de força não letal	Treinamento com equipamento e técnicas especiais	Gás pimenta, gás lacrimogêneo, balas de borracha, etc.
	Falta de voluntários para missões	Aumento de voluntários depois do desdobramento dos primeiros contingentes	Em alguns países, se explora a experiência daqueles que têm mais de uma missão
	Pouco tempo para a preparação inicial	Criação de um cronograma de treinamento	Qualidade do soldado das Nações Unidas melhora ao ter mais tempo de preparação
II Etapa Op Polícias	Mudança de operações de combate a polícias	Aumentar treinamento de técnicas policiais	Aumenta o trabalho com PNH e UNPOL

	Prepara o soldado para trabalhar com UNPOL e PNH	Criação de cursos de UNPOL nos distintos centros de treinamento	Intercâmbio de experiências e trabalho integrado com PNH
	Conhecimento de legislação nacional do país contribuinte	Nem todos os países podem realizar tarefas policiais	Alguns países somente podem realizar cerco
III Etapa Op CIMIC	Fazer frente a uma Crise Humanitária	Criar treinamento específico para Ajuda Humanitária	Criação de cursos CIMIC e Ajuda Humanitária
	Trabalho coordenado e/ou em conjunto com civis	Criação cursos CIMIC com presença de civis	O trabalho prévio com civis durante o treinamento facilita o trabalho na área da missão

Fonte: CENTRO CONJUNTO DE OPERAÇÕES DE PAZ DO BRASIL

Para melhor explicar essa tabela, o grupo 3, também participante desse debate, discorreu sobre essas mudanças do treinamento, enfatizando as transições entre as três fases da missão.

Transição da Fase I (Combate) para a Fase II (Operações de Polícia):

Fatos observados: não houve, inicialmente, alteração substancial no treinamento tático das frações de combate. Entretanto, foram observados alguns aspectos, que afetaram, embora não tão intensamente, a mudança do treinamento tático como: o aumento do consumo de munição menos letal, frente à redução do consumo de munição letal; a adoção da denominada “soft posture” (patrulhamento sem capacetes, sem coletes e sem o emprego de fuzis); proibição do emprego de blindados em período diurno, etc.

Mudança produzida: Intensificação do treinamento para controle de distúrbios civis, inclusive para emprego de armas menos letais. Necessidade de aumentar a confiança das tropas na avaliação de segurança feita pelos escalões superiores (exercício da liderança em todos os níveis).

Fase II (operações de polícia):

Fatos observados: além da ameaça representada pelas tempestades tropicais, o terremoto de janeiro de 2010 aumentou a necessidade de preparar as tropas para fazerem frente a catástrofes naturais. Foi observado que, depois do terremoto, o Componente Militar da missão foi o único que esteve em condições de apoiar o país anfitrião com a execução de tarefas de Ajuda Humanitária, coordenação, etc. Fase II (operações de polícia), depois do terremoto:

Mudança produzida: Intensificação do treinamento com relação à execução de tarefas de busca e resgate (o Equador procurou implementar maior capacitação a seu pessoal com respeito a este tema; o Brasil enviou mais um batalhão à missão, aumentando sua capacidade de resposta, por causa do terremoto; Uruguai, da mesma maneira, também intensificou seu treinamento com relação ao tema).

Fase II (operações de polícia) e Fase III (operações de CIMIC): Fatos observados: a redução dos níveis de violência produziu, para as tropas, a sensação de segurança e maior aproximação à população civil, o que poderia facilitar, de alguma maneira, o aumento dos casos de má conduta e indisciplina, assim como os casos de exploração e abuso sexual. Enquanto que a violência fazia com que os militares buscassem segurança em suas bases e evitassem contato com civis, o ambiente pacificado poderia produzir o efeito contrário. (CENTRO CONJUNTO DE OPERAÇÕES DE PAZ DO BRASIL).

Dentre os argumentos dos entrevistados que responderam à pesquisa, o entrevistado n<sup>o</sup> 21, julgou como mais importante a oportunidade de se ter uma melhor preparação da parte de inteligência e organização de ACISO. Segundo ele, o treinamento deveria ser realizado levando em consideração a realidade da missão:

Trabalhar mais instruções de acordo com a realidade da missão. No 13 contingente realizamos muitos treinamentos de tiro e pouco treinamento de inteligência e organização de ACISO. Durante a missão não demos nenhum tiro mas precisamos muito de missões de inteligência e ACISO. (Entrevistado n<sup>o</sup> 21, 2021, informação escrita).

Além disso, outro aspecto que muito dificultou o contato com a população foi a falta de preparação em idiomas, comprometendo, muitas das vezes, a comunicação, conforme retrata o entrevistado n<sup>o</sup> 31: “os quadros (todos) devem estar mais preparados em relação à capacidade de comunicação em outro idioma” (Entrevistado n<sup>o</sup> 31, 2021, informação escrita).

Uma outra oportunidade que muito foi citada entre os militares que responderam à pesquisa de campo foi a necessidade de preparação psicológica antes da missão e o seu acompanhamento durante a mesma. Tal comentário é enfatizado pelo entrevistado n<sup>o</sup> 47. Segundo ele, tal preparação se tornou muito necessária, sobretudo para evitar males como depressão. “Preparação psicológica, sobretudo quanto a suportar a distância da família. Tal preparação é fundamental. Durante a missão, a atuação de psicólogos também é necessária, evitando males como a depressão” (Entrevistado n<sup>o</sup> 47, 2021, informação escrita).

Somado a isso, instruções de combate corpo a corpo, atendimento de primeiros socorros e um maior contato prévio com equipamentos e armamentos são outras oportunidades que foram recorrentes nas respostas dos entrevistados que responderam à pesquisa de campo sobre a experiência vivida na missão de pacificação no Haiti.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do trabalho, buscou-se alcançar os objetivos previstos, tais como comparar a seleção e a instrução da tropa brasileira que integrou a FEB com a que integrou as missões de paz no Haiti, no período de 2008 a 2017, observando as mudanças ocorridas e se elas foram positivas ou negativas. Somado a isso, o trabalho buscou também compilar algumas das principais oportunidades de melhoria relatadas por militares que participaram da missão de pacificação, para que se possa contribuir futuramente a diversas outras missões que vierem a existir. Como fim, o trabalho teve como foco verificar se a preparação, considerando os aspectos citados, no passar dos anos, obteve melhora ou não, e, conseqüentemente, mostrar se hoje existe uma melhor seleção e instrução da tropa. E, para finalizar, foram expostos possíveis aspectos que tendem a aumentar ainda mais as chances de sucesso de futuras missões.

De acordo com os resultados encontrados no que se refere à seleção, atualmente, ocorre de forma mais rigorosa. A seleção do efetivo da FEB foi realizada sem se atentar aos detalhes que contribuiriam para uma melhor atuação no campo de batalha, detalhes esses que vão desde carência de higiene física para parte da população até a falta de efetivo capacitado, facilitando, dessa forma, a seleção de pessoas menos preparadas, devido ao conseqüente recrutamento de baixo rigor. Em contrapartida, para integrar o contingente da MINUSTAH, os militares tiveram que passar por diversos exames e entrevistas de forma a comprovarem estar em perfeitas condições físicas, de saúde e psicológicas, podendo, inclusive, serem desligados da missão. Tais ações fizeram com que a Missão de Paz no Haiti contasse, na sua maioria, com os melhores militares das Organizações Militares, ocorrendo, dessa forma, uma melhora no processo de seleção do contingente brasileiro que integrou a MINUSTAH, se comparado com aquele que participou da Segunda Guerra Mundial. Vale enfatizar aqui que, embora sem uma boa seleção e posterior preparação do pessoal, jamais pode-se deixar de enaltecer os feitos heroicos de muito sacrifício, agruras e sofrimentos passados pelos pracinhas em favor da sociedade, que mesmo na dificuldade lograram êxito no campo de batalha.

Em conseqüência disso, devido à possibilidade de se realizar um amplo processo de seleção, a tropa selecionada para a missão de paz apresentou uma maior motivação para integrar o contingente do que os pracinhas para se juntarem à FEB, visto que a falta de efetivo, como uma das razões, não possibilitou realizar um seleção mais restrita do pessoal para a FEB e, também, o fato de que um dos critérios da seleção para o BRABAT ter sido a

de voluntariado se sobressaiu às disparidades das motivações que levaram os soldados brasileiros a integrar a FEB.

No que tange à instrução, verificou-se que os contingentes participantes da MINUSTAH tiveram melhores meios e os adestramentos contavam com apoios de instrutores e monitores experientes e com conhecimentos atualizados do que iria ser imposto na missão, trabalho esse que não fora realizado se comparado com a tropa brasileira componente da FEB, que contava com poucos militares experientes em missão e do que se iria ministrar nas instruções, além da falta de material, evidenciando, dessa forma, que a tropa brasileira que compôs missões de paz, ao término do período de instrução, esteve melhor preparada que os pracinhas da FEB.

As oportunidades de melhoria mais recorrentes comentadas pelos entrevistados que fizeram parte da MINUSTAH mostram que, por mais bem executada que foi a missão, ainda deixou a desejar em alguns aspectos que podem melhorar e, por isso, é de grande valia esse tipo de avaliação para que essas oportunidades possam servir de exemplo e, assim, nas futuras missões, o grau de satisfação se torne ainda maior com a atuação do Exército Brasileiro.

Para se tornar mais eficaz o emprego em operações, seja de guerra ou não-guerra, o estudo é de grande importância para que o comandante de pelotão possa melhor selecionar e instruir sua tropa, e, dessa forma, melhor preparar seu pelotão para as missões que vierem a existir.

Para finalizar, a fim de agregar o máximo de lições para se utilizar futuramente, sugere-se, então, que pesquisas mais avançadas sejam feitas nessa área. Para isso, pode-se estabelecer um sistema de difusão de lições aprendidas por meio de seminários, cursos e oficinas; manter uma base de dados de lições aprendidas; realizar a elaboração de doutrinas; e realizar comparações tanto com outras missões que o Exército Brasileiro venha a ser empregado quanto com tropas de outros países que venham a participar internacionalmente.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Adhemar Rivermar de. **Montese: Marco Glorioso de uma Trajetória**. 1. ed. Biblioteca do Exército Editora: Rio de Janeiro, 1985.

BRANCO, Manoel Thomaz Castello. **O Brasil na II Grande Guerra**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1960.

BRANDÃO, Carlos Eurico Alencastro Teixeira. **As principais contribuições das Forças de Paz do Brasil no Haiti para a evolução do Exército Brasileiro e aumento da projeção internacional brasileira**. Escola de Comando e Estado Maior do Exército. Escola Marechal Castello Branco. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <<https://bdex.eb.mil.br/jspui/bitstream/123456789/4101/1/MO%206035%20-%20CARLOS%20EURICO.pdf>>. Acesso em: 07 mar. 2021.

BRASIL. **Decreto legislativo nº 207, de 19 de maio de 2004**. Autoriza o envio de contingente brasileiro para Missão de Estabilização das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH). Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Poder Executivo, Brasília, DF, 20 maio 2004. Seção 1, p. 2.

BRASIL. **Nota de instrução do CCOPAB**. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. Rio de Janeiro, 2006.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Nota de Instrução do Preparo do Contingente Brasileiro Para a MINUSTAH**. CCOPAB, 2014.

BRASIL. **Histórico do Haiti**. Exército Brasileiro. Disponível em: <<http://www.exercito.gov.br/web/haiti/historico>>. Acesso em: 10 fev. 2021.

CENTRO CONJUNTO DE OPERAÇÕES DE PAZ DO BRASIL. **Taller MINUSTAH 10 años: 2004 – 2014**. Itaipava, Rio de Janeiro.

DA CÁS, Luiz Emílio. In FARIA, Durland Puppim. **Introdução à História Militar Brasileira**. Resende: AMAN, 2015.

ENTREVISTADO N<sup>o</sup> 15. **Depoimento** [set. 2020]. Entrevistador: Iago Siqueira Matheus. Resende. Academia Militar das Agulhas Negras, 2021. Questionário eletrônico (10 questões). Entrevista concedida para a pesquisa sobre seleção, instrução e preparação da tropa para a missão de pacificação no Haiti (MINUSTAH): oportunidades de melhoria visando missões futuras.

ENTREVISTADO N<sup>o</sup> 21. **Depoimento** [set. 2021]. Entrevistador: Iago Siqueira Matheus. Resende. Academia Militar das Agulhas Negras, 2021. Questionário eletrônico (10 questões). Entrevista concedida para a pesquisa sobre seleção, instrução e preparação da tropa para a missão de pacificação no Haiti (MINUSTAH): oportunidades de melhoria visando missões futuras.

ENTREVISTADO N<sup>o</sup> 31. **Depoimento** [set. 2021]. Entrevistador: Iago Siqueira Matheus. Resende. Academia Militar das Agulhas Negras, 2021. Questionário eletrônico (10 questões).

Entrevista concedida para a pesquisa sobre seleção, instrução e preparação da tropa para a missão de pacificação no Haiti (MINUSTAH): oportunidades de melhoria visando missões futuras.

ENTREVISTADO N<sup>o</sup> 47. **Depoimento** [set. 2021]. Entrevistador: Iago Siqueira Matheus. Resende. Academia Militar das Agulhas Negras, 2021. Questionário eletrônico (10 questões). Entrevista concedida para a pesquisa sobre seleção, instrução e preparação da tropa para a missão de pacificação no Haiti (MINUSTAH): oportunidades de melhoria visando missões futuras.

FAGANELLO, Priscila Liane Fett. **Operações de Manutenção da Paz da ONU: De que forma os Direitos Humanos Revolucionaram a principal ferramenta internacional da paz.** Tese (Mestrado em Direito) – Universidade de São Paulo, São Paulo-SP, 2012.

FARIA, Durland Puppim de. **Introdução à História Militar Brasileira.** Academia Militar das Agulhas Negras. Resende, 2015.

FOLHA DA MANHÃ. **A Igreja de Cristo condena as guerras, as agressões, mas aconselha a reação aos que atacam os povos pacíficos.** São Paulo, 1<sup>o</sup> caderno, p. 5. 1942.

FOLHA DA MANHÃ. **Novas demonstrações de protestos contra o afundamento dos nossos navios.** São Paulo. 1<sup>o</sup> caderno, p. 5. 1942.

FOLHA DA MANHÃ. **Vibrante e enérgica reação da alma popular bandeirante em face da declaração de beligerância entre o Brasil e as nações agressoras.** São Paulo. 1<sup>o</sup> seção, p. 1. 1942.

HAMANN, E. P.; TEIXEIRA, C. A. R. **A participação do Brasil na MINUSTAH (2004-2017): percepções, lições e práticas relevantes para futuras missões.** Rio de Janeiro: Instituto Igarapé, 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Países.** Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/paisesat/>>. Acesso em: 06 jan. 2021.

LACERDA, Paulo Henrique Barbosa; SAVIAN, Elonir José. **Introdução ao Estudo de História Militar Geral.** Resende: AMAN, 2015.

LESSA, Marco Aurélio Gaspar. **A participação dos contingentes do Exército Brasileiro na missão de estabilização das Nações Unidas no Haiti (MINUSTAH).** Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/3453/ACF12A.pdf>>. Acesso em: 07 mar. 2021.

MATUK, Oswaldo. **História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial.** Tomo 3. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2001.

MORETTI, Norberto. **As Operações de Manutenção da Paz como Instrumento da Política Externa do Brasil.** Revista Integração. Revista Informativa, n. 1, Centro Conjunto de Operações de Paz do Brasil, Vila Militar, Rio de Janeiro: Agência 2<sup>a</sup> Comunicação, 2013, p 27.

PIASON, José Álfio. **Alguns erros fundamentais observados na F.E.B.** Depoimento de oficiais da reserva sobre a F.E.B. 3. ed. Rio de Janeiro: Cobraci, 1950.

SAVIAN, Elonir José. **A FEB pelos pracinhas:** Percepções de militares de baixo grau hierárquico acerca da participação brasileira na Segunda Guerra Mundial. XXVIII Simpósio Nacional de História. Florianópolis, 2015. Disponível em: <[http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1438550799\\_artigoelonirjosesavianSNH20152agosto.pdf](http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1438550799_artigoelonirjosesavianSNH20152agosto.pdf)>. Acesso em: 28 nov. 2020.

VALENÇA, Mauricio da Cruz. **A preparação do contingente para integrar Força Internacional de Paz:** uma proposta de preparo do contingente do Exército Brasileiro, em missões de paz sob a égide da ONU, com enfoque na Coordenação Civil-Militar (CIMIC). Tese (Doutorado em Ciências Militares) – Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2010.



## APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO

### QUESTIONÁRIO PARA APLICAÇÃO EM PESQUISA DE CAMPO

Caro senhor (a), este questionário faz parte do Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharel em Ciências Militares intitulado “FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA E A MISSÃO DE PACIFICAÇÃO NO HAITI: ESTUDO COMPARATIVO DA SELEÇÃO, INSTRUÇÃO E PREPARO VISANDO PERSPECTIVAS FUTURAS”.

Possui como objetivo específico analisar como se deu a seleção, instrução e preparação das missões desempenhadas pelas tropas brasileiras na Operação de Paz no Haiti, com o intuito de adquirir conhecimento das experiências vividas e assim, identificar possíveis oportunidades de melhorias para que em futuras missões o emprego de tropas brasileiras tenha ainda mais possibilidade de sucesso.

Público alvo:

Militares que participaram da missão de estabilização do Haiti.

Formulário aplicado por: Cadete Iago guinhomatheus@gmail.com. Entrevista disponível em: [https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLScVsfAGUCEp3G49LhIxxwuCUOFku7yGIrkyii-PTW4c5T3c\\_\\_w/viewform?usp=sf\\_link](https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLScVsfAGUCEp3G49LhIxxwuCUOFku7yGIrkyii-PTW4c5T3c__w/viewform?usp=sf_link)

**\*Preenchimento necessário para a pesquisa\***

Posto/Graduação\*: \_\_\_\_\_

Ano que participou da MINUSTAH\*: \_\_\_\_\_

**1) Em relação aos critérios analisados para a seleção dos contingentes que integraram o BRABAT (Batalhão Brasileiro no Haiti)\*:**

- ( ) 1 – Muito rigorosos
- ( ) 2 – Médio rigor
- ( ) 3 – Pouco rigor
- ( ) 4 – Pouca diversidade de critérios
- ( ) 5 – Faltaram testes essenciais (exames, entrevistas...)

OPORTUNIDADE DE MELHORIA\*:

---

---

**2)** Após a seleção e posterior preparação, o senhor considera esses militares em condições suficientes para cumprirem as missões que foram designadas no Haiti?\* :

- 1 – Condições excelentes
- 2 – Boas condições
- 3 – Médias condições
- 4 – Poucas condições
- 5 – Sem condições

OPORTUNIDADE DE MELHORIA\*:

---

---

**3)** Ainda se tratando da preparação, restringindo às instruções realizadas, o senhor julgou necessário que faltou mais alguma (s) instrução a fim de uma melhor execução das missões?\* :

- 1 – Foram suficientes
- 2 – Algumas desnecessárias
- 3 – Faltou uma instrução em especial
- 4 – Faltaram duas instruções
- 5 – Faltaram três ou mais

OPORTUNIDADE DE MELHORIA\*:

---

---

**4)** Em relação às instalações oferecidas à tropa durante a preparação, o senhor considera\*:  1 – Excelente

- 2 – Boa
- 3 – Médio
- 4 – Ruim
- 5 – Muito ruim

OPORTUNIDADE DE MELHORIA\*:

---

---

**5)** Em relação à logística, no que tange à alimentação na fase de preparação, o senhor considera\*:

- 1 – Excelente
- 2 – Boa
- 3 – Regular
- 4 – Ruim
- 5 – Muito Ruim

OPORTUNIDADE DE MELHORIA\*:

---

---

**6)** E nas fases posteriores, como o senhor julga o trabalho da logística de modo geral (alimentação, transporte, fardamento, equipamento, armamentos e acessórios utilizados, ...) no decorrer da missão\*:

- 1 – Excelente
- 2 – Boa
- 3 – Regular
- 4 – Ruim
- 5 – Muito Ruim

OPORTUNIDADE DE MELHORIA\*:

---

---

**7)** Como o senhor considera a motivação da tropa durante a preparação e, posteriormente, no período de execução da missão que foram designadas? \* :

- 1 – Muito motivada
- 2 – Motivada
- 3 – Média
- 4 – Pouco Motivada
- 5 – Sem Motivação

**OPORTUNIDADE DE MELHORIA\*:**

---

---

**8)** Em aspectos gerais, o que o senhor julga que mais tenha deixado a desejar e seja imprescindível para que futuras missões sejam ainda melhor executadas? \* :

---

---

## **APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DAS RESPOSTAS ABERTAS NA ENTREVISTA**

8. Em aspectos gerais, o que o senhor julga que mais tenha deixado a desejar e seja imprescindível para que futuras missões sejam ainda melhor executadas?

1. ENTREVISTADO N<sup>O</sup> 15:

P.8 “Manutenção do QO previsto para o cumprimento da missão durante todo o processo de seleção, preparo e emprego da tropa. Na minha experiência, foram cortados militares dos GC para completarem funções no EM.”

2. ENTREVISTADO N<sup>O</sup> 21:

P.8 “Trabalhar mais instruções de acordo com a realidade da missão. No 13 contingente realizamos muitos treinamentos de tiro e pouco treinamento de inteligência e organização de ACISO. Durante a missão não demos nenhum tiro mas precisamos muito de missões de inteligência e ACISO.”

3. ENTREVISTADO N<sup>O</sup> 31:

P.8 “Os quadros (todos) devem estar mais preparados em relação à capacidade de comunicação em outro idioma.”

4. ENTREVISTADO N<sup>O</sup> 47:

P.8 “Preparação psicológica, sobretudo quanto a suportar a distância da família. Tal preparação é fundamental. Durante a missão, a atuação de psicólogos também é necessária, evitando males como a depressão.”